

# Presidente da CNI exige ação de Sarney na economia

Da Sucursal de Brasília

O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), senador Albano Franco (PMDB-SE), exigiu ontem, em pronunciamento no Senado, a imediata ação do presidente José Sarney para colocar fim à "babel econômica". Albano afirmou que Sarney recebeu do Congresso constituinte um voto de confiança ao aprovar o presidencialismo e o mandato de cinco anos (para os futuros presidentes) "e agora é a sua vez de mostrar serviço".

"Demos-lhe o presidencialismo. Com isso, o presidente Sarney terá quase dois anos de mandato a cumprir e é tempo suficiente para acertar a economia", afirmou o senador. "Até aqui o presidente Sarney alegou não ter apoio político e não poder agir na área econômica por não ter definidos o sistema de governo e o mandato presidencial. Agora, sua excelência não tem mais desculpas", acrescentou.

Durante todo o pronunciamento, Albano Franco ressaltou que falava em nome do empresariado nacional.

"Presidente José Sarney, faça a sua parte. Chega de lamúrias e lamentos. Vossa excelência tem tudo para fazer. Nós empresários estamos aqui para realizar e o povo haverá de entender que nosso voto não foi em vão."

"Agora é hora de cobrar resultados firmes do governo Sarney", insistiu o presidente da CNI, afirmando que o empresariado quer um programa de estabilização econômica para ser executado nos próximos dois anos. "É para já. Já. Chego a estranhar que até o momento o presidente Sarney não tenha convocado as lideranças econômicas para expor e discutir este plano." Abandonando o texto redigido com antecedência, Albano afirmou estar "pasmado com as notícias de lutas travadas na Assembleia Nacional Constituinte a respeito dos direitos sociais. Ali foram aprovadas medidas que terão um impacto devastador nas empresas estatais". Na véspera, a CNI divulgou levantamento que aponta o aumento dos custos das empresas em consequência dos dispositivos aprovados para a nova Constituição.

## Defesa de Sarney

O senador João Menezes (PFL-PA) defendeu o presidente Sarney, afirmando que "sua excelência sa-

berá, no momento exato, tomar as medidas e as providências convenientes aos interesses do país". Em sua resposta, Albano disse que grande parcela da sociedade opta hoje pelo "cassino financeiro" devido à política econômica do governo. "O presidente Sarney nos deve um programa de estabilização econômica imediatamente", voltou a dizer, no discurso.

O presidente da CNI manteve o forte tom de cobrança durante todo o pronunciamento. Chegou a dizer que Sarney "já perdeu muito tempo e extraordinárias oportunidades para proteger a economia de mercado e o próprio setor estatal".

Albano aproveitou para criticar o "inaceitável desinteresse do governo Sarney pelas centenas de lutas travadas na Assembleia Nacional Constituinte a respeito dos direitos sociais. Ali foram aprovadas medidas que terão um impacto devastador nas empresas estatais". Na véspera, a CNI divulgou levantamento que aponta o aumento dos custos das empresas em consequência dos dispositivos aprovados para a nova Constituição.



O senador Albano Franco (PMDB-SE), presidente da Confederação Nacional da Indústria, discursa no Senado

## Governadores não acreditam na criação de novo partido

Da Sucursal de Belo Horizonte

A criação de um "Partido do Sarney" foi descartada pelo governador de Minas Gerais, Newton Cardoso (PMDB). Ele tem, entretanto, expectativa de que agora, depois da vitória do presidencialismo e do mandato de cinco anos, Sarney passará a governar "com uma sustentação suprapartidária".

O governador do Paraná, Alvaro Dias (PMDB), afirmou que "não há indícios de grandes perdas" no PMDB porque não houve até o momento "manifestação de vontade expressiva de deixar o partido". O governador Fernando Collor de Mello condicionou o futuro do PMDB à duração do mandato do presidente

Sarney. Collor disse também que deixar o partido agora, antes da definição do mandato de Sarney, é um "ato de deserção".

O governador do Maranhão, Epitácio Cafeteira (PMDB), disse que "por enquanto ainda estou no PMDB e não me filiarei a nenhum partido que não apóie o presidente Sarney". Para Alberto Silva (PMDB), governador do Piauí, "o PMDB não vai rachar. O que saiu não vale nada em uma bancada de mais de 300".

O governador de Sergipe, Antonio Carlos Valadares (PFL), 44, disse que "estou jogando no time do presidente desde a primeira hora e, por isso, se for convidado a participar deste novo partido aceitarei".

## Medidas consolidarão apoio, diz Sant'Anna

Da Sucursal de Brasília

O presidente José Sarney espera consolidar um bloco suprapartidário para apoiá-lo no Congresso constituinte através de uma série de medidas "políticas e econômicas" que serão divulgadas depois da Semana Santa, segundo afirmou ontem o líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA).

Pela manhã, no Palácio do Planalto, o próprio presidente Sarney defendeu a formação desse bloco em várias audiências a deputados do PMDB. "Estou procurando formar um bloco de sustentação ao governo, a fim de que possa trabalhar com mais tranquilidade", disse o presidente ao deputado Bezerra de Mello (PMDB-CE).

A resposta foi imediata: "Estou

disposto a colaborar com o senhor", segundo relato que Bezerra fez à Folha à tarde. Sarney também falou do assunto com o deputado José Dutra (PMDB-AM), mas não chegou a avançar na hipótese de o bloco transformar-se num novo partido governista, como havia admitido Carlos Sant'Anna.

O deputado Paulo Zarzur (PMDB-SP) foi mais rápido em sua audiência de ontem e tomou, ele próprio, a iniciativa de defender um bloco governista na Constituinte. "Nós já devíamos ter trabalhado antes nesta direção", respondeu Sarney, segundo Zarzur.

Ele seria formado pela maioria do PFL, por metade do PMDB e alguns deputados do PTB e PL, os mesmos que, na terça, deram 304 votos aos cinco anos.

O bloco suprapartidário não é uma

idéia nova. Mas a decisão da Constituinte, na terça, criará as condições para consolidá-lo, segundo Sant'Anna. "Estamos trabalhando num esboço de programa", disse.

A consolidação do bloco — e, numa segunda etapa, a criação de um novo partido — enfrentará problemas. "É preciso um bloco político para dar sustentação a ele (Sarney), mas independentemente de posições na Constituinte", disse Sant'Anna. "Se não for muito bem estruturado, pode acontecer o mesmo insucesso do Centrão."

Ele se referia à última tentativa de formar um agrupamento político afinado com o Planalto, embora os líderes do Centrão nunca tivessem declarado seu apoio ao presidente explicitamente. O grupo, formado no fim do ano passado, acabou se

desarticulando a partir das votações do plenário, em janeiro.

"Não se pode criar uma divisão ideológica dentro desse bloco", disse Zarzur. Sant'Anna rebateu o argumento: "O Centrão era um agrupamento temático (isto é, formou-se em função de algumas teses do Congresso constituinte). Defendemos uma coligação de forças para apoiar o governo."

A hipótese de que o bloco se transforme num partido divide os próprios parlamentares dispostos a apoiar o governo. "Vou continuar no PMDB", disse o deputado Roberto Cardoso Alves (SP), que conversou antecorrem à noite, por duas horas, com o presidente Sarney.

"O bloco seria a semente de um novo partido", afirmou Bezerra de Mello, amigo pessoal de Sarney.

## A lista dos cinco anos

### Newton acha as verbas para MG 'insignificantes'

Da Sucursal de Belo Horizonte

O governador Newton Cardoso (PMDB) considera "insignificantes" os Cz\$ 130 milhões destinados ao Estado de Minas Gerais em convênios que o ministro da Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente, Prisco Viana, assinou durante seus primeiros 69 dias no cargo, entre 23 de outubro e 31 de dezembro último. Segundo o governador, em declaração repassada à Folha por sua assessoria de comunicação, "não tem sentido" vincular essa ajuda do ministério ao fato de ele, Newton, ser um dos principais suportes políticos do presidente Sarney. Para mostrar que os Cz\$ 130 milhões são "insignificantes", o governador cita o orçamento de Minas para este ano, de Cz\$ 248 bilhões.

Os Cz\$ 130 milhões conveniados entre o governo estadual e o ministério não são, porém, os únicos recursos destinados a Minas na gestão Prisco Viana. Só em dezembro, foi empenhado para a Prefeitura de Belo Horizonte o total de Cz\$ 1,02 bilhão, em vários convênios, conforme a lista divulgada quarta-feira pela Folha. Ainda não é tudo, porque a lista obtida cobre apenas a gestão de Prisco até o fim do ano, quando foram empenhados Cz\$ 7,78 bilhões para o país todo.

No dia 1º de fevereiro, em Belo Horizonte, Prisco e Newton assinaram convênios assegurando para o governo de Minas nada menos que Cz\$ 47 bilhões — o maior pacote de verbas da Caixa Econômica Federal (CEF) desde a posse de Sarney, segundo anúncio do próprio ministro. A CEF passou a se subordinar ao Ministério da Habitação quando Prisco Viana o assumiu.

Se os Cz\$ 130 milhões são "insignificantes" diante de um orçamento de Cz\$ 248 bilhões, o pacote assinado em fevereiro corresponde a cerca de 19% dessa previsão orçamentária. Ao assinar os convênios, Prisco declarou que os programas financiados por seu ministério dependiam, para ter sucesso, de estabilidade política. Em seguida, numa entrevista, considerou o mandato de cinco anos para Sarney uma condição indispensável para a conclusão da transição democrática. "O ministro tem tido excepcional boa-vontade com Minas", declarou Newton, ao ver assinados os convênios de Cz\$ 47 bilhões para programas habitacionais, estradas e obras de saneamento em seu Estado.